

Apostilas epigráficas – 5¹

* CEAUCP – Lisboa

José d'Encarnação*

¹ O n.º 4 desta série de actualizações de leituras e comentários a inscrições romanas peninsulares e, sobretudo, da Lusitânia romana acaba de ser publicado no vol. 50 (2011 [2014], pp. 101–125) da revista *Conimbriga*.

Resumo Prossegue-se o empenho em reflectir sobre monumentos epigráficos publicados, com vista à correcção de lapsos cometidos ou à discussão de novas perspectivas que a investigação porventura abriu. No caso vertente, para além de uma proposta de explicação para o uso de legendas em língua pré-romana já na Época Romana, apresenta-se um dado susceptível de fazer pensar que a *ascia* poderá ter sido instrumento usado no ritual funerário já antes do tempo dos Romanos. Finalmente, a descoberta da notícia sobre o achamento da placa *IRCP 221*, em Tróia, permitiu corrigir lapsos ocorridos na publicação e, por outro lado, saber qual o contexto arqueológico em que se encontrava.

Abstract A new reflexion is proposed about epigraphic monuments published, to correct imperfections and to point new perspectives in Roman epigraphic research. In this paper, a reason to the use of pre-Roman languages in Roman coins is presented. The possible presence of an *ascia* in a pre-historic inhumation, at *Iliria* (Valencia), poses the question: is it really a pre-Roman ritual? Finally, the original archaeological context of the inscription *IRCP 221* is done and corrected the interpretation of the inscription.

² Refira-se a circunstância de, em Toulouse, os nomes dos arruamentos figurarem em duas placas, uma em francês e outra em provençal, língua já não falada sequer; neste caso, trata-se, porém, da afirmação de uma identidade.

1. O uso das línguas pré-romanas

Creio não andar longe da verdade se considerar que os testemunhos das línguas pré-romanas presentes nas legendas das moedas e nos grafitos datáveis também desse período primordial da aculturação constituem reflexo do seu uso quotidiano, de preferência a ver nesse hábito a circunstância de a língua latina ainda não estar suficientemente assimilada pela população.

Esta reflexão prende-se com o facto — ainda hoje amiúde verificado em regiões onde há uma língua nativa e uma língua dita nacional — serem os vocábulos nativos os mais usados no dia-a-dia². Ora essa opção parece-me compreensível tanto no caso das legendas monetárias onde vem exarada em caracteres indígenas, mesmo já durante o período da ‘dominação’ romana, a identificação do local de cunhagem, como no que respeita aos gra-

fitos, essa epigrafa instantânea, grito d'alma com um toque por vezes subversivo e marginal.

2. A áscia

Em vez de 'machado' ou 'goiva', optei conscientemente pela adopção de um vocábulo erudito que traduzisse à letra a palavra *ascia* que surge frequente nas inscrições funerárias romanas da região de Lyon, por exemplo, acompanhado, ou não, das siglas S. A. D. que, por noutras epígrafes vir por extenso, sem razões para dúvidas se têm desdobrado em *sub ascia dedicavit*.

Já tive ocasião de propor a identificação do objecto aí também representado em baixo-relevo como uma enxó de arrunhar (Encarnação, 2008, pp. 397–403). Não chegou ao meu conhecimento nenhuma posição oposta nem (diga-se) de apoio; mantenho, por isso, essa ideia, embora — mui naturalmente — perfilhe a opinião de que o instrumento aí representado constituirá o símbolo de um númen determinado, protector do túmulo e, *a fortiori*, do defunto nele sepultado ou, desta forma, se esteja a fazer expressa menção a um específico ritual de propiciação.

Não posso, porém, deixar de aludir à circunstância de, no Museu de Valência, se ter musealizado o enterramento, identificado em Castellet de Bernabé (Líria), de uma criança inumada em posição fetal num dólio, acompanhada de um búzio, um anel de bronze, uma enxó (áscia) e um sininho cónico (Figs. 1 e 2).

Datado da Idade do Bronze, não deixa de ser paradigmática a presença da áscia, mesmo que, à primeira vista, seja integrável no mundo dos brinquedos infantis. Quando descreve o achamento desta e doutras sepulturas infantis desse povoado, Pierre Guérin aponta, porém, se bem compreendo, no sentido de os objectos que acompanham o esqueleto serem

testimonios de una actividad ritual que reflejan un cambio de actitud hacia el muerto. La presencia de ofrendas y objetos (fig. 376–377) personales deja sospechar que tienen una identidad propia y de alguna manera han sido aceptados como personas en el grupo doméstico, al menos por sus próximos (Guérin, 2003, p. 332).

Estamos, pois, em sintonia no que concerne à eventual relação desses objectos com rituais funerários mais ou menos simbólicos. Gué-



Fig. 1 – Urna com inumação de criança. Museu Arqueológico de Valência.

Fig. 2 – Objectos que acompanhavam a inumação de uma criança, como a representada na Fig. 1. Museu Arqueológico de Valência.

rin inclina-se para uma manifestação de inclusão na comunidade familiar e vicinal; a possibilidade de se tratar concomitantemente de um cerimonial propiciatório não se afigura, no entanto, despicienda. E o mais notável de tudo é a eventualidade de, afinal, o romano *sub ascia dedicavit* ter raízes ancestrais.

3. IRCP 221

Sob o título «Inscrição achada nas ruínas de Cetobriga», identificando-se o autor com as siglas A. C., publica o *Archivo Pittoresco* de 1863, na sua p. 80, a informação concreta acerca do

Fig. 3 – Desenho da placa de Tróia, segundo A. C., no *Archivo Pittoresco*.

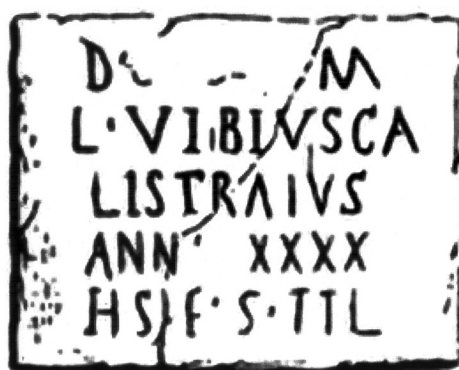


Fig. 4 – CIL II 44: a ficha da epígrafe de Tróia apresentada por E. Hübner.

44 Reperta mense Ianuario a. 1861.

D M
L·VIBIVS·CAL
LISTRATVS
ANN·XXXX
HS·F·S·TTL

Descripsi apud P. Emanuele Xaro Setubalensem, qui servat.

achamento, em Tróia (freguesia de Melides, concelho de Grândola), em 1860³, da inscrição que publiquei em *IRCP* sob o n.º 221. Afirmava-se, então, que era esse o «sítio onde existem as ruínas que se diz serem de Cetóbriga».

A «lápida» assentava sobre uma «urna de vidro, de pouca grossura e azulado, contendo cinzas e um Rude, que é uma pequena vara de vidro, em forma de corda ou de varinha de barba de baleia torcida, tendo uns 20 centímetros de comprimento». E explica-se o significado do «rude»: «É opinião mais seguida que o Rude era entregue àqueles escravos a quem se dava liberdade, como sinal da sua alforria»⁴. Por isso se acrescenta que «Lucius Vibius Calistratus seria, pois, o nome do liberto cujas cinzas continha a urna».

Trata-se, na verdade, de um liberto, pela forma como se identifica: recebera do patrono *praenomen* e *nomen*, incorporando-se assim na *gens Vibia*, e mantivera como *cognomen* o seu nome de escravo: *Calistratus*.

De acordo com os dados recolhidos no *Atlas* de 2003 (pp. 340–341, mapa 325), eram 31 os testemunhos então conhecidos de *Vibii* no território da Lusitânia romana, 11 dos quais na capital provincial. Um dos mais salientes pedestais provenientes do santuário de Endovélico foi mandado erguer precisamente por *M. Vibius Avitus* e *M. Vibius Bassus*, dois irmãos ou pai e filho (*IRCP* 535).

Quanto a *Callistratus*, tanto o referido *Atlas* (p. 129) como Juan Manuel Abascal (p. 312) confirmam ser o único testemunho registado na epigrafia romana peninsular, o que é corroborado pela *Hispania Epigraphica on line*.⁵

Trata-se, como se disse, de um nome etimologicamente grego, de que Solin (1982, pp. 93–94) identificou na epigrafia de Roma 25 exemplos, dos quais 12 referentes a escravos e libertos, 1 a um cavaleiro e 12 sem estatuto social definido;

há, na Urbe, 3 *Callistrate*, uma delas escrava. O antropónimo foi formado pela junção de dois vocábulos: κάλλιστος, ‘o melhor’, e στρατός, ‘exército’. «Exército» é, de facto, um sinónimo restrito, porque daí derivou o latino «stratum» e o português «estrato», que assume o sentido figurado de camada social. Ou seja, aplicado a um escravo, quererá o seu dono — e, depois, patrono — louvar-lhe as excelentes qualidades. Atente-se, por outro lado, que a atribuição de este antropónimo de cariz bem erudito documenta o que temos vindo a declarar sobre as características das gentes que estanciam por Tróia em tempos imperiais: uma população culta, que sabe usar os formulários epigráficos, estreitamente ligada ao mundo do Mediterrâneo Oriental, dada a substancial presença de onomástica grega (Encarnação, 1984). O relativamente elevado número de escravos e de libertos compreende-se, aliás, perfeitamente, dado estarmos num sítio cuja principal actividade foi, sem dúvida, o fabrico de *garum* (Étienne & Mayet, 2004, pp. 75–84, 95).

O desenho apresentado por A. C. (Fig. 3) não coincide com a leitura de Hübner (Fig. 4), que anota ter ele próprio visto a placa em casa do setubalense Manuel Xaro: «Descripsi apud P. Emanuele Xaro Setubalensem, qui servat».⁶ É, pois, mais de confiar em Hübner, optando-se pela grafia habitual, com dois LL.

A epígrafe obedece ao esquema habitual dos epitáfios de Tróia, sem o *S(acrum)* na consagração inicial. Corrija-se o que, por gralha tipográfica, escrevi em *IRCP* 221, ao desdobrar a fórmula final, que também segue por completo os cânones, como Hübner transcreve. Anote-se que é mais um dos exemplos em que pode supor-se que a referida idade em que a morte ocorreu — os 40 anos — assume forte conotação simbólica (Encarnação, 2000).

³ Como se lê na Fig. 4, Hübner aponta para data do achado o mês de Janeiro de 1861.

⁴ Em latim, *rudis* (feminino). Os dicionários referem também que se trata da “vara que os gladiadores recebiam do pretor quando eram licenciados”.

⁵ <http://eda-bea.es/> só traz, de facto, este exemplo: n.º de registo 21 124, onde já foi introduzida a fórmula final com a correcção que ora se faz a *IRCP* 221. Traz, contudo, dois LL, o que o desenho do *Archivo Pittoresco* não indica.

⁶ O monumento, no entanto, levou desca-minho. Manuel Xaro — e o próprio Hübner o comenta (*CIL* II p. 8) — fundou, em Setúbal, a Sociedade Arqueológica Lusitana com o mui louvável objectivo primordial de empenhadamente prosseguir as investigações em Caetobriga: «Caetobriga ruinis pervestigandis praecipue operam laudabilem navavit». Recorde-se que a Sociedade chegou a publicar três números dos seus *Annaes* (1850–1851). Cf. Fabião, 1997, pp. 108–116.

Bibliografia citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.

Atlas = NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, eds. (2003) - *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) - A população romana de Tróia. *Património*. Setúbal. 2, pp. 15–17.

ENCARNAÇÃO, José d' (2000) - Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana. In GORGES, Jean-Gérard; NOGALES BASARRATE, Trinidad, eds. - *Sociedad y cultura en Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida: Junta de Extremadura; Gabinete de Iniciativas Transfronterizas, pp. 241–247.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008) - Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas: flagrantes de um quotidiano vivido. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. série IV. 26, pp. 385–406. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/11650>.

ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (2004) - *Les salaisons et sauces de poisson hispaniques*. Paris: De Boccard.

FABIÃO, Carlos (1997) - Percursos da Arqueologia Clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849–1857) ao moderno projecto de Conimbriga (1962–1979). In MORA RODRÍGUEZ, Gloria; DÍAZ-ANDREU GARCÍA, Margarita, eds. - *La cristalización del pasado: génesis y desarrollo del marco institucional de la arqueología en España*. Málaga: Universidad, pp. 105–123.

GUÉRIN, Pierre (2003) - *El Castellet de Bernabé y el horizonte ibérico pleno edetano*, Valencia: Diputación Provincial, 2003. Acessível em: http://www.museuprehistoriavalencia.es/resources/files/TV/TV101_Guerin.pdf.

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (2013²) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Universidade, disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

SOLIN, Heikki (1982) - *Die griechischen Personennamen in Rom: ein Namenbuch*, 1. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.